

APOIO:



Associação Coletivo Madeirista



REALIZAÇÃO:



Rezador  
Região quilombola de Porto Rolim | RO





**Sabeça**  
Comunidade quilombola de  
Vila Bela da Santíssima Trindade | MT

(RE)CONHECENDO A  
**AMAZÔNIA NEGRA**  
POVOS, COSTUMES E INFLUÊNCIAS NEGRAS NA FLORESTA

M A R C E L A B O N F I M

## #MarcelaBonfimMeRepresenta!

Marcela Bonfim busca seu amadurecimento visual na construção de um estilo próprio. Ela conta e reconta em seus ensaios, séries e reportagens fotográficas, histórias de uma Amazônia pouco aparente, a sua “Amazônia Negra”.

O prefixo “Re” aqui empregado nem sempre pode ser interpretado como uma volta nostálgica ao passado, ou a simples ré no tempo. Na fotografia, retratar tem esse conceito de interpretar, entender, mas também temos o trato com o outro, a troca que também faz parte do processo. Fotógrafo e fotografado, quem faz a imagem?

Seja em uma comunidade quilombola, seja em um espetáculo de dança, ou em um ensaio intimista de nu, Marcela Bonfim faz uso de sua sensibilidade sem esquecer sua própria história, na qual a alteridade está presente o tempo todo dialogando com os seus personagens e ao mesmo tempo deixando exposta uma identificação com a temática e a questão de que todo o retrato é na verdade um autorretrato.

Assim, ela convida a quem observa suas imagens a entrar e compartilhar desta incansável busca do eu. Seguindo além de seus instintos, à tradição dos retratistas, mas muito bem alicerçada por seu background nas ciências sociais, nos direitos humanos e em questões voltadas ao trabalho doméstico até os projetos com arte e cultura, assim como no teatro, além de sua experiência com inclusão social e reabilitação de apenados do sistema prisional, passando pela vida de acadêmica.

Agora em (Re)Conhecendo a Amazônia Negra, reinterpreta, rescreve, revê, repensa, reconta, reconstrói narrativas e nos entrega um “refresh” na visualidade para ressaltar a dignidade dos seus retratados. Sem deixar de lado a resistência cultural para preservação dos costumes e tradições, seja para mostrar a fé, os corpos em transe nos rituais de candomblé, a delicadeza e os detalhes da Festa do Divino e o olhar de resiliência da população quilombola.

Marcela, ao dignificar seus pares, re-significa a imagem da presença do negro na Amazônia, dando a eles uma representação poucas vezes vista e que a grande mídia, com raras exceções, desconhece, ou a trata como algo exótico e não com o reconhecimento devido. Na contra-mão desse movimento, ela nos convida para uma releitura da nossa história.

**Alberto César Araújo**  
Fotógrafo documentarista e editor de imagens da  
Agência de Jornalismo Independente Amazônia Real.  
Manaus, Amazonas. Abril de 2016.

## A potência do encontro!

O que mais me toca na linguagem fotográfica são os vestígios do extracampo; do que está fora do enquadramento; do olhar que revela a potência do encontro. A fotografia é essa imagem encantadora que ativa e constrói a memória, que nos faz viajar para dentro e para fora. Quando falo desse projeto, gosto de titulá-lo como A Amazônia Negra de Marcela Bonfim, por acreditar que o mais emocionante que se revela neste trabalho é o encontro de Marcela com a sua Amazônia - local que escolheu para viver - e o encontro com sua negritude, com sua ancestralidade.

Por isso, o que acontece na fotografia de Marcela Bonfim não são somente belos instantâneos; são grandes e profundas conexões, que se revelam, delicadamente, nos olhares e gestos impressos nas imagens. Esta Amazônia Negra que agora se abre para o público estava entranhada na alma de Marcela Bonfim.

**Talita Oliveira**  
Fotógrafa documentarista de projetos de  
pesquisa sobre a cultura amazônica  
Rio Branco, Acre. Abril de 2016

## Quem tiver olhos, que veja.

Ela veio e viu o que muitos não percebem e melhor ainda, ela mostra o que vê, e percebe que nem todos querem ver, ela não se importa e segue em frente.

Marcela Bonfim encontrou o caminho das Pedras Negras, da Vila Bela, das comunidades e quilombos que estão por aí muito antes de Rondônia existir oficialmente. Ela vislumbrou a história pouco escrita que conta que foram eles, os negros africanos escravizados que enfim, conseguiram se apossar dessas terras do Brasil.

Foram eles que contra tudo e contra todos, se apossaram e povoaram, inclusive com suas crenças, as margens do Guaporé.

Viva o Vale do Guaporé, viva o povo negro, viva o Divino do Guaporé e viva a Marcela Bonfim que com sua arte politicamente engajada dá outra chance a todos nós, Quem tiver olhos, que veja.

**Mario Friedlander**  
Fotógrafo especialista em natureza,  
arqueologia, história e povos tradicionais.  
Cuiabá, Mato Grosso. Abril de 2016.

### **Somos todos negros, brancos, pardos ...**

Somos todos negros, brancos, pardos, mamelucos, homens, mulheres, adultos e crianças. Essa é uma das constatações que temos ao mergulharmos na Amazônia Negra de Marcela Bonfim.

Olho no olho, lente no olho, olho na lente. O sentimento é de um total desnudamento. A cada imagem visitada, os papéis se misturam, há uma troca no encontro. Não sabemos se somos expectadores ou se somos nós que estamos sendo expectados pelos olhos firmes, atentos, doces, seguros das pessoas e das histórias ali resgatadas. São: Zumbi dos Palmares; Maria Felipa, princesa negra, labá guerreira que incendiou os navios da escravidão; Chico Rei, que nunca abandonou seus sonhos ou Xica da Silva.

É um olhar, um corpo, que ali, na imagem fotográfica, nos rasga e penetra no coração. Conectando-nos com o nosso melhor e o nosso pior, isto é, com toda capacidade de injustiça e pré-conceitos que nos compõem.

Imagem de Gente. Imagem de um sentimento de dignidade mantido em meio à luta árdua, para que a mercadoria não se sobreponha jamais ao Ser-Humano.

Esse me parece ser o mote para conhecer a Amazônia Negra de Marcela, conectar-se com nossa Humanidade.

**Elisabete Christofolletti.**

Analista Junguiana e fotógrafa.  
Porto Velho, Rondônia. Abril de 2016.

### **Pela recuperação, preservação e projeção do legado africano na Região Amazônica do Brasil.**

A profusão de cores, formas e sentimentos que emanam das fotografias de Marcela Bonfim estimulam a reflexão e nos permitem tecer várias interpretações sobre uma mesma imagem. O “Projeto (Re)conhecendo a Amazônia Negra” aborda a presença da população negra na região desde 1750, com o povoamento do Vale do Guaporé por africanos escravizados procedentes da Vila Bela Santíssima Trindade, no Mato Grosso, até a imigração haitiana em curso nos dias de hoje.

O projeto registra vários ciclos migratórios ao longo deste período no qual destacam-se as migrações originadas nos estados do Pará e do Maranhão, no século XIX, durante o “Ciclo do Ouro”; os antilhanos que vieram trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, incluindo os barbadianos; e os diversos fluxos protagonizados pelos nordestinos no ciclo extrativista da borracha.

As manifestações culturais, as tradições e a vida religiosa também mereceram destaque no trabalho desenvolvido pelo projeto “Amazônia Negra” com a inclusão de registros da romaria fluvial do Divino Espírito Santo, realizada no Vale do Guaporé há 123 anos, da forte presença das denominações protestantes, professadas pelos descendentes de antilhanos, do Candomblé trazido pelos africanos e do Santo Daime, introduzido por migrantes nordestinos.

A visibilidade que emerge deste trabalho confere inquestionável materialidade a uma contribuição que ainda é percebida, na maior parte das vezes, como uma abstração que não pode ser mensurada. Ao fornecer registros materiais capazes de estimular e embasar a formulação e a implementação de políticas públicas específicas, transversais e articuladas com as políticas públicas universais, o Projeto Amazônia Negra presta inegável contribuição à luta do povo negro no Brasil.

“(Re)conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta” faz deste catálogo um documento indispensável para todas as pessoas que querem conhecer, estudar e pesquisar a formação e o desenvolvimento da Região Amazônica e a sua influência na construção da identidade brasileira.

**Giovanni Harvey**

Descendente de imigrantes barbadianos, militante do Movimento Negro e ex-Secretário executivo de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República.  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Maio de 2016.

# A MÁQUINA FOTOGRÁFICA A SERVIÇO DA MILITÂNCIA: EM DEFESA DA AUTOESTIMA DAS POPULAÇÕES NEGRAS.

O projeto “(Re)conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta” é um instrumento de militância das artes visuais, no campo da antropologia visual, sobre a memória da população negra amazônica.

Trata-se de uma forma de movimento político em prol de (re)conhecimento do legado e contribuição da população negra amazônica na constituição do tecido sociocultural de Rondônia, da região norte e do Brasil, uma vez que as pesquisas e registros sobre as populações negras se concentram nas especificidades e características das populações das regiões nordeste, centro e sul do país – sem muito destaque para o norte.

A população negra amazônica é parte fundamental do mosaico que é a história da Amazônia e foi constituída a partir de 1750 com o povoamento do Vale do Guaporé por negros escravos vindos de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, em decorrência do ouro e da construção do aparato colonial de defesa militar “Forte Príncipe da Beira”. A partir de 1870, outras migrações negras, principalmente do Pará e do Maranhão, chegaram à região para a extração da borracha e de minérios e metais preciosos nos períodos conhecidos como “Ciclo do Ouro” e “Ciclo da Borracha. Entre 1907 e 1912, trabalhadores barbadianos contribuíram com mão de obra qualificada para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e, a partir de 2011, migrantes negros haitianos, refugiados das más condições de sobrevivência e trabalho daquele país, passaram a habitar a região norte e se espalhar pelo Brasil.

Mais que fotografia, a proposta abrange a busca pessoal pelo meu (re)conhecimento como mulher negra num país racista onde os espaços são sutilmente fragmentados entre negros, pardos

e brancos; todos atuando em ambientes delimitados. Realizando diferentes funções. Só que os primeiros à margem da sociedade e da história oficial.

O aspecto fundamental da proposta é a crítica ao percurso da história oficial sobre a negritude brasileira. Apesar do importante papel que os negros desempenharam e ainda desempenham para o desenvolvimento econômico, cultural e social do país, há mais de 500 anos, ainda padecem com as ambiguidades e injustiças causadas inicialmente pela seletividade das informações contidas nos livros de história e em outros documentos e registros de memória apresentados à alfabetização brasileira – um projeto de degradação e inferiorização destas populações, dos seus costumes e cultura. Isto é, enquanto a história não valoriza os negros e suas influências na brasilidade de hoje e sempre, os institutos de pesquisa e as instituições, principalmente privadas, abrem a possibilidade ao embranquecimento do negro a partir da eficiente ferramenta das “autodeclarações de cor.”

O Projeto Amazônia Negra vem como uma ventania contra essa corrente impositiva!

**Marcela Bonfim**

Fotógrafa documentarista e  
militante das causas das populações  
negras e povos tradicionais  
[www.marcelabonfim.com](http://www.marcelabonfim.com)



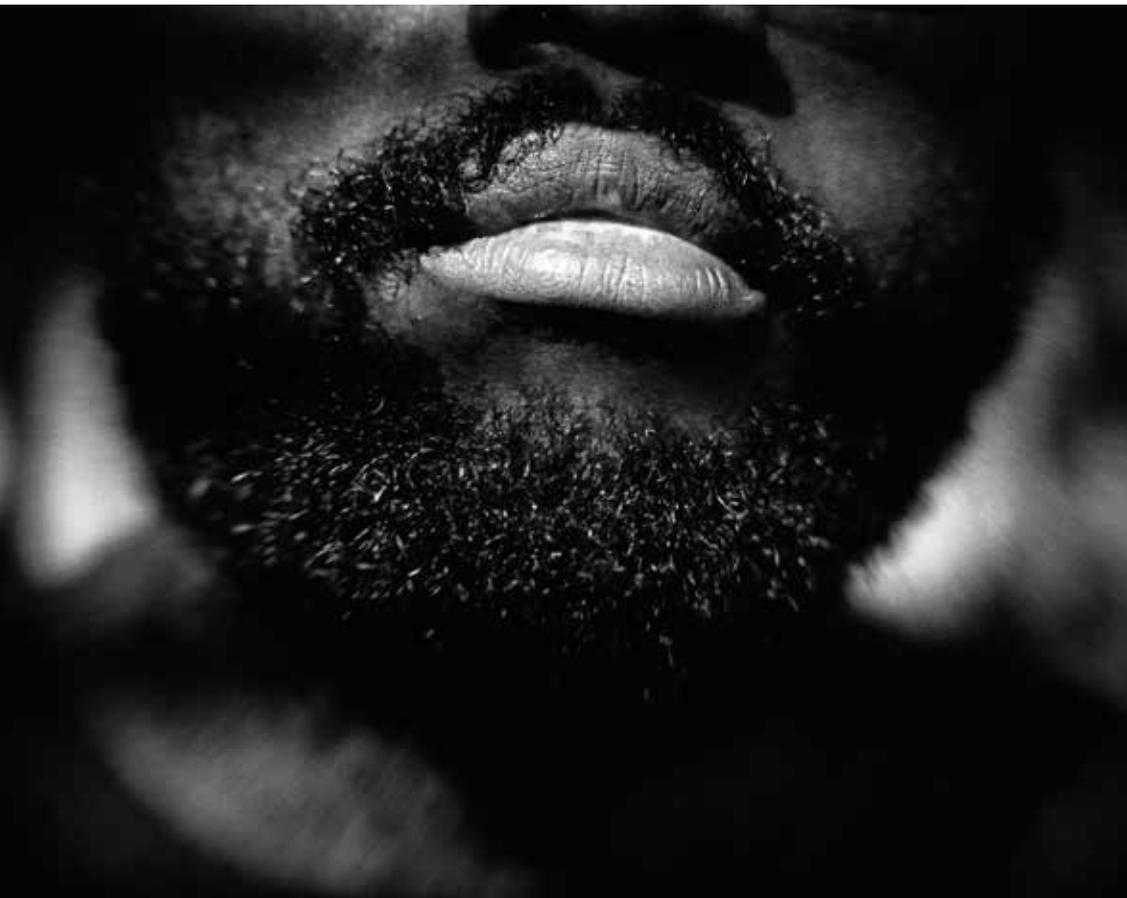
**Manjar do Guaporé**  
Comunidade Quilombola de Pedras Negras  
Vale do Guaporé | RO



**Resistência**  
Comunidade quilombola Vila Bela  
da Santíssima Trindade | MT



**Madona negra**  
Descendente de  
imigrantes  
da Guiana Inglesa  
Porto Velho | RO



**Identidade**  
Porto Velho | RO

**Armadura**  
Comunidade Quilombola de Pedras Negras | RO



**Capoeira no Forte**  
Comunidade  
quilombola do  
Forte Príncipe  
da Beira | RO



**Pela janela**  
Comunidade Quilombola de Pedras Negras | RO



**Primeiro plano**  
Rio Guaporé | MT



**Chico Remeiro**  
Festa do Divino  
Pimenteiras | RO



**Cabeça de Negro**  
Descendente de  
imigrantes barbadianos  
Porto Velho | RO



**Divino Procópio**  
Festa do Divino  
Pimenteiras | RO



**Entidade**  
Comunidade  
quilombola Vila  
Bela da Santíssima  
Trindade | MT



**Banho de Jorge**  
Comunidade  
quilombola Vila  
Bela da Santíssima  
Trindade | MT



**Oração de Orixá**  
Centro  
Espiritualista  
Ilê Axé Xirê Oya  
Porto Velho | RO



**A Gira de Ana**  
Centro Cultural e  
Religioso Odomio  
Porto Velho | RO



**Divina Tomásia**  
Festa do Divino  
Pimenteiras | RO



**O Haiti é aqui**  
Vilhena | RO



**Rochedo**  
Imigrante haitiana  
Porto Velho | RO



**Alquimia**  
Comunidade Quilombola  
de Pedras Negras | RO



**Resistência Wajuru**  
Afro-índigena de  
Alta Floresta | RO



**Transição de Caboclo**

Centro Cultural e Religioso Odomio  
Porto Velho | RO



**Linhas (In)visíveis**

Trabalhador das  
Linhas Rurais  
da Região do  
Vale do Jamari | RO

**Ficha Técnica:**

**Serviço Social do Comércio | Administração Regional de Rondônia**

Raniery Araújo Coelho | Presidente do Conselho Regional

Waldy Fernando Bastos Ferreira | Diretor Regional

Syllas Nunes Rosa Júnior | Diretor Administrativo e Financeiro

Sâmia do Socorro Melo Lopes | Diretora de Controle e Planejamento

José Mauro de Arruda | Diretor de Programas Sociais

Fabiano Barros | Coordenador do Programa Cultura

Maria Braga | Técnica de Artes Visuais

**Produção**

Emilly Lamarão e Simone Duarte

**Assessoria de imprensa | SESC**

Moisés S. Costa

Keila Alves

Taiguara Maia

Paulo Afonso

**Assessoria de imprensa | Amazônia Negra**

Ana Aranda

**Design Gráfico**

Adriana Zanki Cordenonsi

**Concepção e edição de vídeo**

Michele dos Santos Saraiva

**Texto do vídeo e voz**

Poeta Dom Lauro

**Montagem da exposição**

Margot Paiva

Regina Morão

Olegária Cristina Porto

Hely Chateaubriand Rosa Sodré